



**DIÁLOGO ENTRE PERDAS E ENCONTROS:
A clínica winnicottiana e o atravessamento de
raça, classe e gênero no caso de Yara**

<https://dx.doi.org/10.59068/24476137dialogo>

Rita Isabel Pereira Alves
psi.ritaisabel@gmail.com

Psicóloga clínica e educacional, orientada pela psicanálise winnicottiana e professora universitária. Atua na interface entre psicanálise winnicottiana e estudos sobre relações raciais, com enfoque antirracista na clínica e na educação.

Introdução

Apresentado como relatório final de estágio em Prática Supervisionada em Atendimento Clínico (Metodologia Híbrida - Abordagem Winnicottiana), este relato de caso descreve o percurso terapêutico de Yara, mulher negra, de 28 anos, estudante de Gerontologia, no segundo semestre de 2022. O atendimento foi motivado pela queixa de ansiedade e receio de recaída em um quadro depressivo, intensificados pela mudança para São Paulo. O processo psicoterapêutico de quatorze sessões, em um contexto de transição e reestruturação da vida da paciente, revelou a necessidade de um olhar clínico que articulasse a abordagem winnicottiana da terapeuta à uma perspectiva interseccional, capaz de considerar as vivências de raça, classe e gênero como estruturantes da subjetividade.

Histórico Clínico e Trajetória de Vida

Yara, nascida no interior da Bahia, é a filha mais velha de uma mulher negra, que engravidou aos 17 anos, e de um pai branco. A mãe, que vivenciou uma gestação conturbada, faleceu de embolia pulmonar aos 32 anos. Aos 15 anos, Yara se viu pressionada a assumir o cuidado das três irmãs mais novas, negligenciando seu próprio luto e as vivências de sua adolescência. A ausência e a violência do pai, além do tratamento humilhante que este dirigia à mãe, deixaram profundas mágoas.

Sua história é marcada por um esforço contínuo para garantir o próprio sustento e educação, culminando na aprovação para o curso de Gerontologia na Universidade de São Paulo (USP), no campus da capital. Para Yara, estar sem parceiro amoroso era impensável. Manteve envolvimento afetivos com dois parceiros, alternadamente. Cada um deles oferecia formas distintas de segurança emocional: com um, encontrava atenção; com o outro, confiança. Essa dinâmica resultava em um padrão de término e retorno constante, ora estava com um, ora estava com outro. Movimento que se manteve por um período prolongado até o início do processo terapêutico.

Descrição e Análise do Processo Terapêutico

Yara iniciou a psicoterapia fragilizada pela distância de sua família e terra natal. O vínculo seguro com a estagiária/psicoterapeuta permitiu que ela, gradualmente, adentrasse em sua história. A ausência de um "ambiente suficientemente bom" no início de sua vida, apresentou-se tanto em manifestações de ansiedade quanto no sentimento de perseguição relacionado ao nascimento (WINNICOTT, 2021). A morte da mãe, a privação de um ambiente de amparo e a ausência de um pai que exercesse sua função de sustentação da família são aspectos centrais para compreender as lacunas em sua estruturação psíquica e as dificuldades em estabelecer relações afetivas saudáveis.

A perda de uma bolsa de estudos em um novo contexto de vida gerou uma crise que forçou Yara a confrontar sua dificuldade em pedir ajuda, particularmente ao pai. A superação dessa resistência, e o subsequente amparo recebido, representaram um momento de resignificação da figura paterna e o início de uma reestruturação de sua percepção sobre ser ajudada.

O processo de tomada de consciência de sua identidade racial emergiu expressivamente quando mudou-se para São Paulo, cidade que a confrontou com sua negritude de forma mais explícita. O texto de Souza (2021) é fundamental para entender que a identidade negra não se organiza apenas pela cor da pele, mas por uma história compartilhada de desenraizamento e discriminação. Ao reconhecer-se como mulher negra, Yara pôde nomear o racismo como a causa do tratamento humilhante de seu pai à sua mãe, percebendo-se como a filha com traços mais negróides e com a "herança" simbólica desse sofrimento. A psicoterapeuta, a fim de manejar o conteúdo que emergia das sessões, realizou uma busca por referências em autores negros, como Fanon (2020), que permitiu que a paciente resignificasse o sofrimento racial, compreendendo-o como violência externa, e não como uma falha interna.

O desenvolvimento do vínculo terapêutico proporcionou à Yara um espaço suficientemente seguro para explorar suas experiências afetivas e vivências de perda. A clínica winnicottiana, ao priorizar a criação de um ambiente emocionalmente confiável, permitiu que ela externalizasse conflitos internos e experimentasse novas formas de relacionar-se consigo mesma e com os outros. Esse espaço terapêutico também possibilitou que emergissem reflexões sobre as estruturas sociais e raciais que atravessam sua vida. Fatores como raça, classe e gênero, ficaram evidenciados como impactantes diretos na construção de sua subjetividade.

A aceleração do novo relacionamento de Yara, com o pedido de casamento, foi trabalhada na clínica como um impulso que remetia às suas fantasias de estabilidade e maternidade. A reflexão terapêutica permitiu a ela perceber a importância de amadurecer a decisão e priorizar seus projetos de estudo e carreira, como Gerontologia e Obstetrícia, antes de se comprometer com um projeto conjugal.

Ao acessar esses conteúdos no ambiente terapêutico seguro, Yara pôde integrar experiências de luto, vínculos afetivos instáveis e vivências de discriminação racial, compreendendo-as não apenas como questões individuais, mas como efeitos de relações sociais e históricas mais amplas. Essa articulação entre clínica e consciência racial e social revelou-se fundamental para a construção de estratégias de regulação afetiva e fortalecimento do ego, preparando-a para decisões mais maduras e conscientes em sua vida pessoal e afetiva.

Considerações Finais

O atendimento de Yara evidenciou a importância de uma clínica que, inspirada em Winnicott, utiliza o ambiente seguro para acessar o mundo interno, mas que, ao mesmo tempo, amplia sua compreensão para as condições sociais, políticas, de raça, classe e gênero que atravessam a subjetividade. O luto pela mãe, a busca por um ambiente suficientemente bom, a reestruturação da figura paterna e o processo de conscientização racial são temas interligados na jornada de Yara. O processo de psicoterapia, portanto, não apenas acolheu sua ansiedade e angústia, mas a auxiliou a fortalecer o ego para desenvolver uma atitude mais consciente e insurgente diante das violências externas. Um movimento fundamental para sua integração e saúde psíquica.

Referências

- Fanon, F. (2020). *Pele negra, máscaras brancas*. Ed. UFBA.
Souza, N. S. (2021). *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Zahar.
Winnicott, D. W. (2021). *Tudo começa em casa*. Ubu Editora.

COMO CITAR ESSE TEXTO

Alves, R.I.P. (2025). Diálogos entre perdas e encontros: a clínica winnicottiana e o atravessamento de raça, classe e gênero. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, v. 11, n.1, 59-64. <https://dx.doi.org/10.59068/24476137dialogo>

RECEBIDO EM: 10/10/2025
APROVADO EM: 06/11/2025